

LEITURA DINÂMICA

A escalada dos índices de inflação (hoje a Fipe deve divulgar o seu, com uma nova elevação) faz crescer entre os empresários a expectativa de novas medidas destinadas a conter os preços. Agora se fala num "choque liberal", com redução das alíquotas de importação para aumentar a concor-

rência interna. Há, entretanto, notícias positivas: o fluxo de capitais externos continua, demonstrando que os investidores estrangeiros confiam no País. Na página seguinte, os problemas da economia da Califórnia, com a evasão de indústrias. Na 12, as atrações da feira internacional de informáti-

ca que será realizada este mês em São Paulo. Na 13, a CUT se reúne em congresso esta semana para tentar acabar com suas facções internas. Na 14, a privatização da Usiminas desperta o regionalismo mineiro, onde políticos e sindicalistas se unem para tentar impedir a venda da estatal.

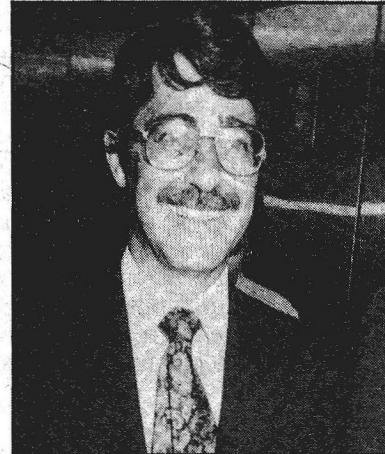
Con. Brasil

Cresce temor de mais um choque econômico

A possibilidade de um novo pacote econômico para conter a inflação, ainda que desta vez batizado de "choque liberal", está piorando o clima de insegurança entre os agentes econômicos, agravado pela divulgação de índices que continuam a registrar a escalada dos preços. A Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) divulga hoje o índice do custo de vida em São Paulo, relativo à terceira quadrissemana de agosto (30 dias encerrados no dia 22 do mês passado). O índice deve fechar acima de 13%, contra os 12,8% verificados na segunda quadrissemana, e é muito provável que no mês alcance os 14%. "Não enfrentamos ainda um descontrole, pois os aumentos menores estão se limitando a dois ou três pontos acima do período anterior", diz André Franco Montoro Filho, presidente da Fipe.

No entanto, entre os empresários cresce a expectativa em torno do "choque liberal" — com a antecipação para o próximo mês da redução das alíquotas de importação para facilitar o ingresso de mercadorias que possam competir com os produtos nacionais, forçando a baixa dos preços. Isso porque, para muitos empresários, a política de aperto monetário e altas taxas juros para conter a inflação terá efeito contrário. Rubens Branco, diretor de empresa de consultoria Arthur Andersen, por exemplo, acredita que a taxa de inflação em setembro deverá ficar acima de 17%.

A possibilidade de o ministro Marcílio Marques Moreira aplicar já a redução das alíquotas, que deveria vigorar a partir de janeiro, conforme estudos no Ministério da Economia, não agrada os empresários. Segundo eles, ela poderá colocar em risco ao mesmo tempo o nível de emprego da indústria e as reservas cambiais, agravando ainda mais a situação da balança comercial. Em julho, ao atingir US\$ 777 milhões, o saldo da balança chegou ao menor



Montoro Filho: sob controle.



Marcílio: choque liberal.



Collor: Marcílio prestigiado.



Hahne: atenção às reservas.



Kapaz: impasse à vista.



Furlan: competição forçada.

nível já registrado este ano.

Segundo o diretor da área de comércio exterior da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Luiz Fernando Furlan, há algumas semanas a hipótese de redução das alíquotas tarifárias vem sendo estudada pelo governo, como maneira de forçar os produtos nacionais a uma competitividade maior. Essa seria uma das armas para tentar conter a alta inflacionária até o final do ano. Pelas próprias características de atuação de Marcílio, aumentam as expectativas sobre a possibilidade dessa medida ser adotada. "Nós estamos chegando a um impasse, e sabemos que o ministro não gostaria de editar um choque ortodoxo, com congelamento e ta-

belamento de preços. Suas características apontam mais para o lado de um choque liberal", comenta Emerson Kapaz, coordenador do Pensamento Nacional das Bases Empresariais (PNBE). Mesmo assim ele encara com restrições a adoção de medidas desse tipo, uma vez que mais da metade das indústrias correm o risco de parar de vender com a entrada de produtos importados, agravando o problema do desemprego.

Para Celso Hahne, presidente da Associação Brasileira da Indústria de Plásticos (Abiplast), alterar as alíquotas de importação nesse momento pode trazer graves prejuízos à balança comercial. "Como País devedor, o Brasil precisa manter reservas que inclusive

garantam câmbio favorável a exportações e importações", salienta Hahne.

Já Luiz Fernando Furlan acha que se a redução das alíquotas for acompanhada de um ajuste no câmbio, poderá haver incremento das exportações. A defasagem cambial, diz, varia de setor para setor, oscilando de 15% a 25%.

Enquanto os agentes econômicos vivem a expectativa destas medidas, o presidente Fernando Collor tentar acalmar o mercado, inclusive tentando dissipar os boatos sobre a saída de Marcílio. Em entrevista na Casa da Dinda, no sábado, ele garantiu que o ministro permanece à frente do comando da economia. "Nunca houve dúvida a esse respeito", afirmou.